

## Samba e Ordem Unida

**RUBEM BRAGA**

LÚCIO RANGEL não me deixa mentir: sou Mangueira há mais de 30 anos, desde os tempos em que Cartola cantava «Semente de Amor» e homenageava Noel Rosa improvisando versos para «Palpite Infeliz». Fiquei, por isso, contristado, ao saber que um conjunto ia cantar a «Exaltação a Vila-Lôbos» em ritmo de «iê-iê-iê» por ocasião da visita dos participantes do Festival Internacional da Canção Popular. Não tenho nada contra o «iê-iê-iê», mas quem vai à Estação Primeira vai para ouvir outra coisa.

Leio agora que os artistas estrangeiros vaiaram o conjunto e pediram à famosa bateria da Mangueira que recomeçasse a bater. Bem feito.

Quem disse uma coisa inteligente, que merece ser repetida e meditada, foi Henry Mancini. Falando da parte coreográfica da Escola, êle comentou: «À primeira vista temos a impressão de que cada um faz uma coisa diferente, mas em conjunto isso forma um espetáculo maravilhoso e inédito para mim».

Se tivessem levado Mancini a uma outra grande Escola, talvez êle não sentisse o mesmo. De alguns anos para cá, muitas novidades foram introduzidas nas Escolas, no esforço de cada uma para pegar o primeiro prêmio. Algumas coisas mais próprias de rancho, outras de «show» de Carlos Machado. A pior delas foi a contratação de coreógrafos. Vi, meu Deus, passistas e pastoras dançando em conjunto, levantando os pés ao mesmo tempo para a esquerda, depois para a direita, como se fossem coristas do Recreio. Ora, a grande graça do samba está exatamente na improvisação individual; cada um dançando a seu modo, inventando passos e jeitos, numa extraordinária riqueza coreográfica capaz de dar várias inspirações a qualquer coreógrafo inteligente: dar, não receber.

Felizmente a Mangueira teve o bom-senso de refugar essa pífia «ordem unida», defendendo o individualismo aparentemente anárquico, na verdade criador de uma harmonia mais alta. Foi isso o que surpreendeu e encantou Henry Mancini.

29/10/66